

Resenha: Gilliam Clark, *Late Antiquity*.  
Oxford, Oxford University Press, 2011.  
Pedro Paulo A. Funari

Há algumas décadas, sequer havia o conceito de Antiguidade Tardia, mas, hoje, parece ser um termo consagrado. Nem por isso, há acordo sobre sua delimitação, tema do primeiro capítulo do belo volume de Gilliam Clark, professora emérita de História Antiga da Universidade de Bristol. Esta é uma discussão intrincada, tanto para o início, como para o fim do período. Alguns propõem que se inicia com a passagem da denominação do imperador romano para *dominus* (senhor), ante o *princeps senatus* (primeiro do senado) prevaiente até algum momento do final do séc. II d.C. Isto significa que o imperador Marco Aurélio (161-180) marcaria essa nova fase, mas outros preferem o início das guerras civis do séc. III ou mesmo ao final do século ou mesmo com Constantino no séc. IV. Já para o final dessa época, há certo consenso que seria por volta de 800, com a coroação de Carlos Magno e com o califado abássida em Bagdá. São, portanto, muitos séculos e que englobam diversos tipos de organizações políticas, tanto no Ocidente, como no Oriente. A vantagem desta nova periodização consiste em fugir da tradicional ênfase no Império Romano do Ocidente e no término dos imperadores ocidentais no séc. V. Mas, como qualquer periodização, é arbitrária e relativa.

Em seguida, a autora volta-se para o governo do império romano tardio e para o papel do direito e do bem estar. Centra-se, então, na religião, tema nem sempre fácil pois, segundo Clark, muitos historiadores hoje não acreditam na religião. Na antiguidade, contudo, as identidades estavam em íntima relação com a religiosidade. O próprio conceito de identidade reflete nossa própria época, mas a aplicação à Antiguidade tardia parece convincente, pois as principais controvérsias e conflitos advinham de afiliações religiosas. Isto leva à discussão da busca pela salvação, como a revolução que foi a vida monástica tanto para homens como, tanto mais, para as mulheres. Também as relíquias foram importantes, mas um tema recorrente em todo esse período (séc. II-VIII d.C.) foram os bárbaros. O próprio nome, bárbaro, hoje tem sido bastante contestado no mundo atual e, por isso mesmo, usam-se termos mais neutros ou técnicos, como povos germânicos. Mas a autora prefere voltar às fontes, que falam em bárbaros e mesmo em ausência de civilização, tomada como sinônimo de vida urbana. Menciona a famosa declaração do historiador francês André Piganiol: “A civilização romana não morreu. Ela foi assassinada”. Lembra a postura pós-colonial dos dias de hoje, mas afirma que não temos a visão dos bárbaros antes de sua constituição como reinos, mas já sob o mando da latinidade, num processo chamado por alguns pelo termo antropológico moderno de etnogênese, ou de formação de uma nova unidade étnica. A autora considera que o multiculturalismo norte-americano e europeu das últimas décadas foi decisivo para uma mudança na percepção menos negativa dos bárbaros e mais propensa à consideração das relações pacíficas e dos casamentos mistos. A relação entre a cultura clássica grega e latina e a cristã merece, da mesma forma, uma revisão, com o reconhecimento, por exemplo, do imenso papel do latim em Constantinopla e entre os godos, depois da dissolução do poder romano no Ocidente.

Clark dedica o capítulo conclusivo ao ocaso da Antiguidade Tardia e a associa ao avanço dos muçulmanos e cita, de maneira explícita, a tese clássica de Henri Pirenne, Maomé e Carlos Magno (1937). A autora mostra como a cultura muçulmana passou a ser decisiva tanto no Ocidente como no Oriente, com a oposição ou diálogo sempre no centro, como no caso do uso ou não de imagens no Cristianismo, face à negação peremptória islâmica inicial. Sua

conclusão final liga-se, de forma decisiva, à nossa época. Para ela, o estudo da Antiguidade Tardia desafia as distinções agudas e claras entre romanos e bárbaros, pagãos e cristãos, judeus e muçulmanos, ortodoxos e heréticos, triunfo e declínio. Isso reflete bem as próprias concepções da nossa época, mas parece ser bem aplicadas àquela época.

O estudo da Antiguidade Tardia tem fascinado cada vez mais os estudiosos, no mundo e no Brasil. Isso se deve a muitos fatores, a começar pelo fato de ali estarem as principais tradições que dominam o mundo ocidental: a cultura clássica, a civilização cristã e as origens judaicas. Portanto, o conceito moderno de cultura judaico-cristã, contemporâneo à historiografia moderna, na década de 1820, pode ser buscado nesse período como em nenhum outro. Se os classicistas *stricto sensu* voltam-se para gregos e latinos, a Antiguidade Tardia permite a introdução das vertentes judaicas e cristãs do mundo ocidental. No caso do Brasil, a situação de mescla cultural, política, religiosa, cheia de conflitos e interações, lembra muito o nosso próprio contexto brasileiro, para além, também, da atração da união entre clássicos, judeus e cristãos, já acenada. Por tudo isso e muito mais, a Antiguidade Tardia, mais popular do que nunca encontra neste livro de Gillian Clark uma introdução bem informada e inspiradora.